

A EQUAÇÃO DA INSENSATEZ MAIS ÍNDIOS IGUAL A MENOS TERRAS

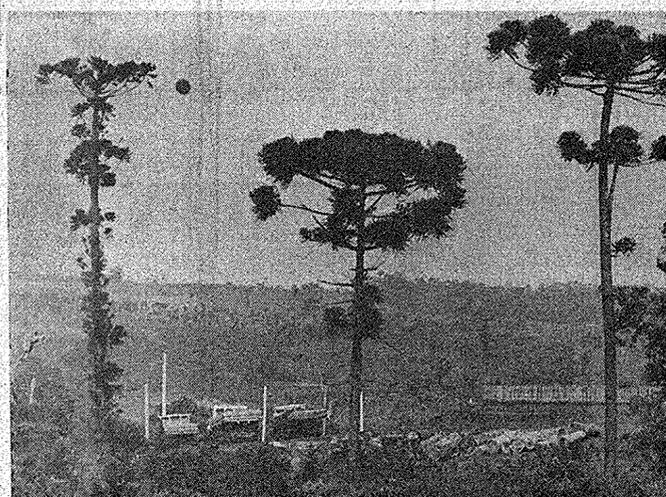
José Mitchell □ Fotos de Rubens Borges



O caingangue Chico Fernandes ajudou a demarcar a reserva de Chapecó. Na sua casa, não existe mais escada, e o posto não lhe dá madeira, só vende



Kelemente Forte conta que brancos queimaram suas casas para expulsá-los de Irani (SC)



Caminhões compram toras de madeira na serraria do toldo de Chapecó, que não dá madeira para os índios construírem suas casas

Uma criança caingangue em Pinhalzinho (SC), área invadida por posseiros e empresas, que até lá permanecem

OS bororós, do Mato Grosso, estavam em processo de auto-extinção, evitando a procriação: dos 3 milhões existentes à época do descobrimento, sobravam menos de 100 mil em 1957, segundo estatísticas daquele ano. De 1900 a 1957 desapareceram 57 tribos — uma por ano. Para a maioria da população brasileira, as nações indígenas estão se extinguindo. Contudo, para surpresa de muitos — inclusive alguns antropólogos — apesar das invasões permanentes de suas terras, apesar do extermínio por doenças, apesar da destruição de parte de sua cultura, várias nações indígenas brasileiras estão ressurgindo, com suas populações crescendo em índices iguais ou superiores (3% aos da própria população brasileira. Foi o que comprovou um levantamento aldeia por aldeia, posto por posto, na floresta e em locais ainda não alcançados pela Funai — agora concluído pelo Secretariado do Conselho Indigenista Missionário (Cimi).

Segundo a pesquisa, existem atualmente 144 mil 405 indígenas, distribuídos em 166 nações — há 20 anos eram menos de 100 mil. A esses somam-se mais 15 mil índios ardeídos ainda não contatados, grande parte dos quais ao longo da perimetral Norte, incluindo os Estados do Pará, Amapá, Amazonas, Acre e Roraima, e outros 30 mil distribuídos — vivendo em cidades, fazendas etc. — como, por exemplo, os 10 mil que vivem em Manaus e os 5 mil de Boa Vista.

Em Mato Grosso, os ranches aboliram o controle da natalidade auto-imposto (a média de filhos para casal passou de dois para cinco) e o processo de ressurgimento inclui um dado fundamental: a retomada de seus valores culturais — dos arípiaktsas, também de Mato Grosso, cujos filhos eram adeptos do rock ouvido em radinhos de pilha e agora voltaram ao ritual de furar orelhas e nariz, aos caingangues, na Região Sul, que há dois anos redescobriram o Kiki, festa religiosa que estava esquecida na memória dos mais velhos, a situação é semelhante.

Mas embora a média geral das populações indígenas esteja crescendo, existem tribos em extinção. Os xetás, no Paraná, orgulhosa tribo nômade no passado, hoje se resumem a seis índios. Dos milhares de xoclingues de Santa Catarina, restam 650 no Posto Indígena de Ibirama — os restantes foram dizimados pelas epidemias, causa histórica constante na destruição das nações indígenas. Não se encontram mais índios carijós, apes e charruas no Rio Grande do Sul e desde o descobrimento do Brasil os massacres se sucedem. Em 1815, o pesquisador Von Maximilian de Wied já relatava o desaparecimento de tribos como a Maxiculi, a Paniliani, a Kapuxó e a Tapuia, em Minas Gerais. Estado onde, em cada década, ocorreram massacres, segundo afirma a Cimi, que também acusa a Funai de conivência na morte de milhares de suruins, em Rondônia e no Acre, cujas terras foram invadidas por agricultores e empresas agropecuárias. No Rio Grande do Sul, os sete povos Guarani foram destruídos pelos exércitos de Espanha e Portugal. Hoje, contudo, a nação Guarani, apesar de ser a única na Região Sul a não possuir uma reserva, é, ao lado dos terenas e caingangues, um dos maiores grupos indígenas (9 mil 930 pessoas), com alto índice de natalidade.

O secretário-geral do Cimi, Padre Egidio Schwade, afirma que as atrações de grupos indígenas promovidas pela Funai, "que sempre se deveram à necessidade de construção de estradas ou do ingresso do latifúndio nas regiões, trazem como consequência o extermínio das tribos". O fato é que, por exemplo, dos beijos-de-pau, que quando contatados em 1969 eram 1 mil indivíduos, sobram, após três meses de convívio com os civilizados, apenas 45 pessoas. Hoje vivem no Parque do Xingu, Município de Chapada dos Guimaraes, no Mato Grosso.

Relata Von Maximilian de Wied que os pojixás, que viviam na região de Teófilo Otoni, MG, eram entre 1870 e 1900 presos, conduzidos para as cidades, e simplesmente fuzilados. Segundo o Cimi, continua impune a família Prado de Azevedo, responsável pelo massacre dos culinas e dos caxinauas, no Amazonas. Os valmiris-atroaris, contatados em 1968, tinham uma população de 3 mil pessoas — hoje são 950, segundo levantamento do Cimi.

Esses casos — como o dos avá-caneiros,

50 quando pacificados, em 1972, hoje reduzidos a cinco — são, no quadro geral das nações indígenas, fatos que começam a ser vencidos por um crescimento demográfico geral e de recuperação dos costumes e da cultura. Com crianças xavantes nascem a cada ano na região da Missão Anchieta e pequenos grupos, como os parecis, tapirapés, caiabi e bororós, têm sua população aumentada em torno de 3% ao ano.

Certamente, fator decisivo para o crescimento da população indígena é o atendimento médico preventivo, principalmente através da vacinação, promovida pela Funai e pelas missões religiosas. Os Zorós, contatados há quatro anos pela Missão Anchieta, foram recentemente atingidos pela gripe, mas uma rápida vacinação em massa impediu o extermínio desse grupo de 350 indígenas que vivem ainda praticamente na fase da Idade da Pedra. Três grandes grupos — terenas, caingangues e guaranis — apresentam altos índices de crescimento demográfico. Um estudo do geneticista gaúcho Francisco Salzano, realizado em 1940, comprovava que o número médio de filhos vivos não alcançava o nível de substituição na nação caingangue. Hoje, a média de filhos vivos é de 60% a 70%, tendo diminuído também o número de mortes por *tosse comprida* (tuberculose), devido a um melhor atendimento médico.

Mesmo assim, enquanto os índios, em sua maioria, procuram aumentar sua população, uma denúncia do Cimi afirma que estranhamente as índias caingangues do Posto Indígena de Vanuíre, em Tupá, SP, estão sendo coagidas pela chefia do Posto e por médicos a fazerem ligação das trompas. O crescimento demográfico dos xavantes, dos ranches e de outros grupos vem sendo estudado por pesquisadores europeus e apresentado como exemplo de vitalidade. O antropólogo Sílvio Coelho dos Santos, da Universidade Federal de Santa Catarina, observa: "O aumento populacional está ocorrendo na maioria das nações indígenas, o que é muito positivo. O fato é que o índio aculturado já adaptou seu organismo, resistindo mais às doenças. Além disso, há a própria interiorização no país do médico, da farmácia e do hospital". Sílvio explica que "ficou perfeitamente comprovado que a possibilidade de assimilação do índio é inviável, pois apesar de tudo ele se vê como uma raça diferente e é também visto como pessoa diferente pela sociedade dita civilizada. O índio de tanga passa a ser o de camisa e calça. De índio de arco e flecha, ele se transforma em índio de enxada. Mas não deixa de ser índio". E conclui:

— Como as nações indígenas não se assimilam e até aumentam, vão continuar existindo. O que temos de fazer é aceitá-las e criar condições de sobrevivência aos índios, como pessoas humanas. Mesmo grupos descharacterizados culturalmente, devido ao processo de domínio cultural que sofrem, ao obterem condições de auto-existência e de autogestão, podem readquirir aspectos culturais aparentemente perdidos.

A afirmativa pode ser comprovada em inúmeros casos, como o dos pancarus, no município pernambucano de Petrolândia, que quase não falavam mais sua língua e agora, segundo o levantamento do Cimi, vão ensinar o Toré (cerimônia e dança religiosas) aos seus irmãos de raça que vivem na Bahia. Ou os parecis, que revivem suas festas, como fazem os tuxás, na Bahia, e os terenas, grupos grandes e aculturados, que conservam sua língua, o araque. O fato é que, ao lado da extinção de centenas de nações indígenas, como a Cocama, a Omáquia, a Campêia, a Mana, o levantamento do Cimi assinala fatos como a iniciativa dos ranches de retornarem às suas terras ao longo do rio Cravari, seguida de crescimento populacional.

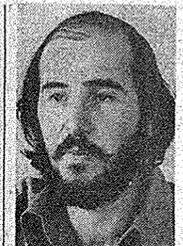
Nem sempre, contudo, esse retorno é possível. A realidade é que, empurradas do litoral para o interior do país desde o descobrimento do Brasil, as nações indígenas na sua maioria têm visto suas terras serem invadidas e ocupadas progressivamente. São fatos que se repetem monotonamente em todos os Estados, como ocorre atualmente com os cararás, no Pará, cercados ao Norte pela colonização do INCRA e ao Sul pelo projeto de assentamento da Cotrijui. E nesse quadro que a Funai, por lei, deve encerrar a demarcação das reservas indígenas — segundo o Estatuto do Índio, todas as áreas devem ser delimitadas até o fim deste ano.

Há dois anos, contudo, o presidente da Funai, General Ismarth de Oliveira, já advertira que não haveria condições para a demarcação dentro do prazo legal. Em parte, isso aconteceu pela rápida invasão por posseiros e empresas madeireiras, mineradoras etc. Os 1 mil 328 caingangues do toldo de Chapecó, SC, não entendem, por exemplo, por que a empresa Agroeste, de Bernardo Vaccar, possui na reserva 70 alqueires destinados a uma indústria de sementes de milho.

"Será que nós índios temos algum direito e valor neste país? Estamos dispostos a lutar e, se for preciso, morrer para garantir essa terra para nós e nossos filhos" — este é um trecho da carta dos caingangues de Chapecó ao Presidente Geisel, em dezembro de 1976, até agora não respondida. Única consequência conhecida: o cacique João Ferreira, Jibi Kág, um dos que assinaram a mensagem, foi destituído pelo chefe do Posto. Enquanto isso, os posseiros continuam na reserva de Chapecó e cinco índios foram mortos pelos brancos nos últimos dois anos por problemas de terra, como conta Chico Fernandes, um caingangue de 78 anos que ajudou a demarcar as reservas há 30 anos. Em várias regiões, a única saída que resta ao indígena é tornar-se um *dóia-fria*, "recebendo garrafas de cachaca como pagamento, ou vivendo em regime de semi-esclavidão", denuncia o Padre Antônio Iasi, ex-secretário do Cimi. E exemplifica com a situação dos culinas, caxinauas e manxineris, no Alto Purus, Iaco e Alto Envira, no Acre, que trabalham como empregados das Fazendas California (Grupo Atala-Coopersucar), Companhia de Desenvolvimento Novo Oeste (Atlântica-Boa Vista), Fazenda Sobral, Fazenda Petrópolis, entre outras. Ou então viver na mendicância, como 15 famílias guaranis que resistem comprimidadas



O secretário-geral do Cimi, Padre Egidio Schwade, afirma que apesar das criminosas atrações realizadas pela Funai os grupos indígenas continuam crescendo



Para o Padre Egon Heck, presidente da regional Sul do Cimi, ninguém sabe para onde vai o dinheiro auferido na serraria de Chapecó, que nunca voltou para os índios



O vice-presidente do Cimi, Padre Thomaz Lisboa, salienta que a esperança e o orgulho em ser índio foram fatores que favoreceram o aumento da população indígena no Brasil, fenômeno que ocorre na América do Sul



O antropólogo Sílvio Coelho dos Santos lembrou que no Sul chegavam a dar, de presente aos índios, roupas e calçados, ajudando a dizimar os caingangues, que hoje crescem acima da média demográfica nacional

em três alqueires no subúrbio de Barragem, zona rural da Capital paulista.

O próprio Governo se torna muitas vezes conivente com essas invasões ou mesmo funciona como *grifeiro* de áreas indígenas. Foi o que constatou uma CPI na Assembleia gaúcha, ao comprovar que o ex-governador Córdelo de Farias e os ex-governadores Ildo Meneghetti e Leonel Brizola transformaram 14 mil hectares da reserva de Nonoal — metade da reserva original — em reserva florestal. Hoje, índios de Rodeio Bonito vivem nos fundos da reserva florestal, mas ali não podem entrar pela ação dos guardas-florestais. Em 1958, um grupo de deputados da Assembleia Legislativa de Mato Grosso, chefiados por Rachid Mamed, tornou devolutas as terras dos caduêus, deixando para eles uma área em pleno pantanal. Com uma cópia da lei, os deputados registraram em Campo Grande centenas de requerimentos, com lotes de 2 a 5 mil hectares, em seu próprio benefício ou de parentes.

O Parque de Aripuanã, embora demarcado pela Funai, está quase todo loteado para particulares, segundo mapa cadastral do município. Padre Egidio Schwade já denunciou o fato de que o próprio presidente da Funai, General Ismarth de Oliveira, concedeu certidões negativas — documentos que comprovam a inexistência de índios na área onde uma empresa quer se instalar — ao grupo Boa Vista, no Acre, referentes a reservas indígenas. O grupo empresarial Boa Vista era presidido na época pelo General Bandeira de Melo, ex-presidente da Funai. Antes, como presidente da Mineradora Itapiranga, o General Bandeira de Melo recebera autorização da Funai para pesquisar ouro na área dos índios urubus-caapores, segundo denúncia do Padre Antônio Iasi.

A violência na luta pelas terras é também permanente. Neusa Prado do Azevedo, dona do Seringal California, é apontada pelo Cimi como responsável pela contratação de pessoas que, entre 1930 e 1960, mataram centenas de índios culinas, no Alto Envira, Acre. No toldo de Irani, SC, foram incendiadas as casas dos índios por colonos para afastá-los, como lembra o caingangue Kelemente Forte, 79 anos, que trabalha como agregado há seis anos. Seu tio, o cacique Chico Marcelino, 105 anos — mais velho caingangue existente no país — confirma, afirmando que queimaram sua casa, além de três outras, de parentes. "Raiva bastante nós ficamos, mas o que fazer se eles pegaram as terras e têm armas e nós não?" — conta Kelemente Forte.

Há um mês, os guaranis e caingangues do toldo de Rio das Cobras, cansados da invasão que já cobria mais de 80% de seus 16 mil 800 hectares, se armaram e expulsaram as famílias de intrusos, ação complementada posteriormente pelo Exército e pela Polícia Federal. Os fulínios, em Pernambuco, enfrentam os fazendeiros em litígios que frequentemente acabam em mortes. Os crieatis, do Município de Montes Altos, no Maranhão, sofrem o assédio de 1 mil 500 intrusos, além da invasão de uma estrada estadual, a MA-280, que passa a 600 metros da aldeia.

Até mesmo áreas consideradas modelo, com a ilha do Bananal e o Parque do Xingu, não estão livres do problema da invasão de terras. Antes de ter sua área delimitada como Parque do Xingu, por exemplo, a região já havia sido depredada em 75%. Hoje, toda a área do Xingu está estranhamente titulada para particulares e algumas fazendas, como Santa Rosa e São Francisco, entraram nos limites do Parque. A BR-30 cortou o Parque ao Norte, no trecho Xavantina-Cachimbo, e outra estrada deverá cortá-lo ao Sul, passando pela ilha do Bananal. Lá, os carajás sofrem o impacto da civilização, sendo atingidos pela tuberculose numa área onde o turismo é intenso. O Hotel JK foi doado pelo Ministério do Interior à Gostur para exploração dentro da reserva indígena, que sofre também o assédio, ao Norte, do IBDF e, a Leste, de 20 mil posseiros. Ao Sul é cortada por uma estrada e no centro há uma área reservada à FAB. "Além de tudo isso, a Funai tem uma área de pasto e só não manteve um projeto de rizicultura pois todas as máquinas ficaram embaixo d'água", observa o Padre Antônio Iasi, que vê na situação da ilha do Bananal "uma síntese da imagem e da ação prejudicial da Funai".

Segundo um relatório sigiloso preparado por uma comissão da Fundação, INCRA e Go-

verno gaúcho, no Rio Grande do Sul, de uma total de 51 mil 150 hectares existentes em sete toldos indígenas, 17 mil 297 estão ocupados por brancos — quase 10 mil pessoas — situação que o caingangue João Grande II define em poéticas palavras: "Apesar de todas as promessas do Governo, nenhum invasor saiu até agora. Só na região em que moro há mais de mil invasores". Padre Egidio Schwade, diante desse quadro, acusa: "É dentro desse contexto que deve ser visto o Projeto de Emancipação dos Índios, em estudo no Ministério do Interior. É uma política necrófila, pois na verdade o que se quer emancipar são as terras dos índios, transformando-os, posteriormente, em mão-de-obra barata".

Para o professor Sílvio Coelho dos Santos, "o Projeto de Emancipação dos Índios não tem fundamento científico e é condenado por todos os antropólogos". Segundo ele, pelas linhas gerais do Projeto, o índio ou grupo emancipado receberia terras que não poderiam ser vendidas antes de 10 anos. "Aparentemente isso defenderia as terras dos índios", diz Sílvio Coelho dos Santos, "mas tal não acontece. O índio não pode vender antes do prazo, mas poderá fazer uma série de contratos — as pressões são inevitáveis — para exploração da terra, como a derrubada das árvores. Assim, 10 anos depois, o indígena só terá uma terra arrasada, ficando na miséria".

O antropólogo catarinense alerta também para um projeto, em estudo no Ministério do Interior, de divisão em módulos das terras indígenas, com pequenas parcelas de terras, sobrando grande parte para outras divisões: "Além de tudo, o Projeto de Emancipação é, mais uma vez, uma atitude colonialista, paternalista, onde o índio não tem direito a opinar".

Assim, diante de um quadro nacional de invasão e depredação de suas terras, os índios só têm duas opções: ou aguardar pacientemente que a Funai demarque suas áreas e expulse os invasores, ou então fazer como os tapirapés, na região do Araguaia, Leste do Mato Grosso e limite com Goiás: auxiliados por um topógrafo, eles mesmos demarcaram suas terras. E estão dispostos a defendê-las.

QUADRO DISTRIBUTIVO DAS NAÇÕES INDÍGENAS POR ESTADO

Estado	Nº de nações indígenas	nº de índios
Roraima	6	19 265
Roraima e Amazonas	2	2 991
Roraima, Pará e Amazonas	1	1 500
Amazonas	39	29 321
Amazonas-Acre	4	2 426
Amazonas e Rondônia	3	855
Amazonas e Pará	1	2 337
Acre	5	959
Pará	19	4 611
Pará-Amapá	1	175
Pará-Mato Grosso	2	548
Pará-Mato Grosso, Goiás	5	3 697
Rondônia	13	2 314
Rondônia-Mato Grosso	2	2 536
Mato Grosso, Rio Grande do Sul	31	20 556
Mato Grosso, São Paulo	1	10 550
Maranhão	6	3 789
Goiás	4	1 982
Paráíba	1	3 177
Pernambuco	6	8 384
Alagoas	2	1 063
Bahia	4	2 678
Bahia-Goiás	2	1 763
Minas Gerais	3	3 973
Espírito Santo	1	611
SP-PR-SC e RS	1	9 235
Paraná	1	235
Santa Catarina	1	66

Observação: a existência de uma mesma nação indígena em vários locais levou a reagrupá-los num só quadro. Exemplo: os caxinauas, que se distribuíram de São Paulo ao Rio Grande do Sul, num total de 9 mil 235 índios. O Rio Grande do Sul aparece junto, também, a Mato Grosso, pela existência dos guaranis.